



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O INFERNO PELO ÚLTIMO ATO

Marcos Roberto Inhauser

Há uma espécie de doutrina salvacionista que prega que a pessoa é salva em função do último ato que comete. Se morre orando, jejuando, em sofrimento ou participando de um culto, irá para o céu. Se ela morre tomando cerveja em um bar, dançando, roubando, adulterando, ela, sem sombra de dúvidas, irá para o inferno.

Vivi e sofri este tipo de doutrina. Criança e adolescente, vivia sob o terror da volta de Jesus. Se ele voltasse quando estivesse enforcando aula, jogando baralho com meus colegas, fumando, bebendo, jogando futebol ou algo parecido, estaria danado ao fogo eterno. Se alguns atos fossem praticados ao domingo, a condenação seria ainda pior: faltar à igreja, nadar, escutar futebol pelo rádio, ir ao cinema, comprar coisas, mesmo que fosse pipoca no carrinho da praça. Cinema aos domingos? Pecado imperdoável.

Levou-me tempo para me libertar destes traumas teológicos. Ainda hoje me assusto ao perceber que pensamentos desta época ainda tentam ressuscitar. Parece que estão guardados em um canto da gente e que, quais animais peçonhentos, voltam quando há a mínima oportunidade.

Lembrei-me disto por dois fatos diferentes, mas que trazem no fundo a mesma idéia. Soube de uma pessoa que foi convidada para ser madrinha de casamento de uma amiga, membro de uma igreja-das-regras-para-se salvar. Ela comprou vestido, se arrumou com colar e brinco, se maquiou como era de se esperar que uma madrinha fizesse. Assim também fizeram as demais convidadas. Na hora da cerimônia, o im-pastor exigiu que elas tirassem todos os adornos e maquiagem, pois ele não celebraria a o casamento com trajes indecentes nos participantes.

Nesta Olimpíada tivemos pessoas que se prepararam uma vida e mais acentuadamente nos últimos anos para ir e brilhar no esporte de sua escolha. Uns conseguiram. A maioria não. As esperanças neles depositadas poderia levá-los ao céu da glória. Mas porque caíram no último salto, pisaram fora da quadra, desequilibraram, não tiveram fôlego ou tiveram o seu instrumento desaparecido. Depois de muito esforço e treino, o ato último os levou ao inferno. E neste, tal como no bíblico, há choro e ranger de dentes. E não há dor mais dolorida e inferno mais sentido que o da humilhação de uma goleada dada pelos argentinos, mesmo porque, esta é uma dor nacional. E o pior: por causa de um técnico incompetente, uma CBF burra e dirigentes nababescos. São os demônios deste inferno nacional.